



**HAL**  
open science

## Sujeito neoliberal: entre performance e gozo

Julio Cesar Lemes de Castro

► **To cite this version:**

Julio Cesar Lemes de Castro. Sujeito neoliberal: entre performance e gozo. In: PANSARELLI, D. et al. (orgs.). Gênero, psicanálise, filosofia na América Latina, filosofia da libertação e pensamento descolonial. São Paulo (SP), ANPOF, pp.119-127, 2019, 978-85-8807-281-7. hal-03226076

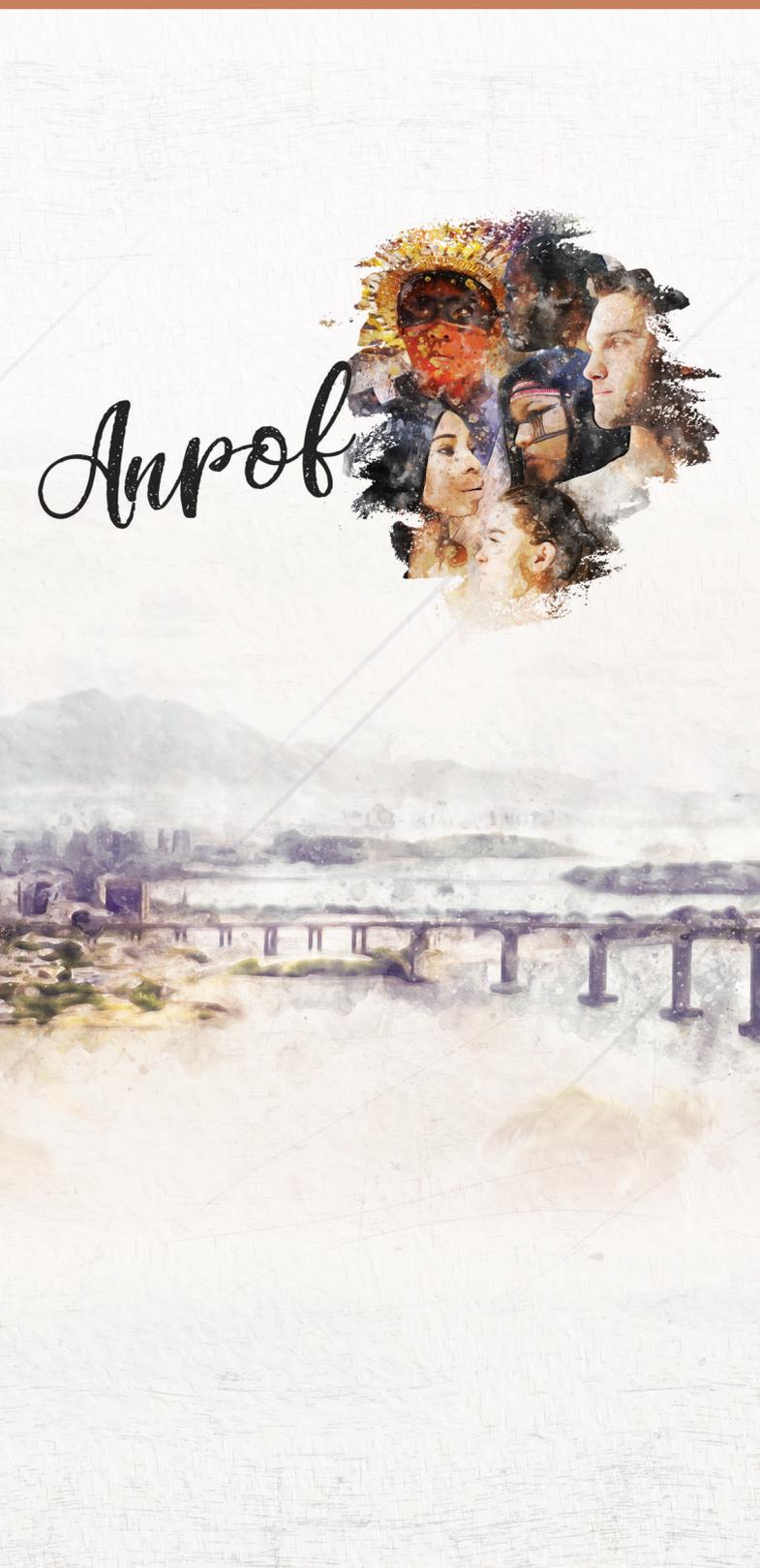
**HAL Id: hal-03226076**

**<https://hal.science/hal-03226076>**

Submitted on 18 May 2021

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Gênero, Psicanálise, Filosofia  
na América Latina, Filosofia  
da Libertação e Pensamento  
Descolonial

*Daniel Pansarelli*

*Eder Soares Santos*

*Jorge L. Viesenteiner*

*Maria Cristina de Távora Sparano*

*Silvana de Souza Ramos*

*(Orgs.)*



# **Gênero, Psicanálise, Filosofia na América Latina, Filosofia da Libertação e Pensamento Descolonial**

Daniel Pansarelli

Eder Soares Santos

Jorge L. Viesenteiner

Maria Cristina de Távora Sparano

Silvana de Souza Ramos

(Orgs.)



Tiegue Vieira Rodrigues (UFSM)  
Viviane M. Pereira (UECE)  
Vivianne de Castilho Moreira (UFPR)  
Waldomiro José da Silva Filho (UFBA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

G326

Gênero, psicanálise, filosofia na América Latina, filosofia da libertação e pensamento descolonial / Organização Daniel Pansarelli...et al -- São Paulo: ANPOF, 2019.

248 p.

ISBN: 978-85-88072-81-7

Outros autores: Eder Soares Santos, Jorge L. Viesenteiner, Maria Cristina de Távora Sparano, Silvana de Souza Ramos

Identidade de gênero.2. Sexo – Diferenças (Psicologia).3. Filosofia – América Latina.I. Pansarelli, D.II. Título

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:

1. Identidade de gênero
2. Sexo – Diferenças (Psicologia)
3. Filosofia – América Latina
4. Psicanálise
5. Pensamento descolonial

## Sujeito neoliberal: Entre performance e gozo

Julio Cesar Lemes de Castro<sup>1</sup>

### Neoliberalismo e capital humano

O neoliberalismo, que constitui ao mesmo tempo o modelo de capitalismo e a racionalidade governamental hegemônicas em nossa época, leva às últimas consequências a ideia de *homo oeconomicus* herdada de seus antecedentes teóricos – o liberalismo clássico, o utilitarismo e o marginalismo (CASTRO, 2017). O cálculo de custos e benefícios, servindo-se de instrumental matemático sofisticado e desvinculado de qualquer orientação normativa, passa a ser utilizado para explicar, a rigor, qualquer situação da vida humana. Uma escolha é dita racional apenas no sentido de buscar meios adequados aos fins, dadas as informações existentes, e “não no sentido de um processo de deliberação fundamentado completamente ou explicitamente, ou mesmo de uma ponderação consciente de alternativas” (BECKER; POSNER, 2009, p. 4). Até adições prejudiciais à saúde são objeto de cálculo, no qual se compara o que é percebido como vantagem ou desvantagem. Por força do cálculo, alguém pode descuidar-se da prevenção contra uma doença vista como facilmente tratável ou adotar comportamentos de risco num contexto de expectativa reduzida de vida. Se o capitalismo se caracteriza pela axiomatização, ou quantificação generalizada dos fluxos, conforme Deleuze e Guattari (1973), no neoliberalismo isso é levado às últimas consequências.

A epítome do *homo oeconomicus* neoliberal é o conceito de capital humano, que no contexto teórico do neoliberalismo passa a ser empregado de forma explícita e assume um papel central. Para Theodore Schultz (1961, p. 4), economista da Escola de Chicago e ganhador do Prêmio Nobel em 1979, “os trabalhadores se tornaram capitalistas (...) a partir da aquisição de conhecimentos e habilidades que têm valor econômico”. Gary Becker (1993a, p. 11), também da Escola de Chicago e Prêmio Nobel em 1992, cujo nome está conectado especialmente ao conceito de capital humano, afirma que as “atividades que influenciam rendimentos monetários e psíquicos futuros aumentando os recursos em pessoas (...) são chamadas investimentos em capital humano”. Para ele, a saúde, por exemplo, integra esse capital, visto que influencia o desempenho profissional e a expectativa de vida, tornando-se passível de mensuração monetária. E não somente instâncias exteriores utilizam cálculos econômicos nessa área, mas os próprios sujeitos o fazem.

Uma das linhas de crítica ao conceito de capital humano parte de Bourdieu (1984). Apesar de recorrer a uma gama de expressões para designar tipos de capital, como

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com pós-doutorados em Psicologia Social na USP e em Comunicação e Cultura na UFRJ

“capital cultural” (subdividido em “capital literário”, “capital científico” e “capital jurídico-econômico”), “capital simbólico”, “capital teórico”, “capital escolar”, “capital social” (ou “capital de relações sociais”) e “capital corporal”, diferenciando todas elas do “capital econômico”, ele toma distância em relação à proposta de capital humano, que a seus olhos carece de sofisticação analítica e dimensão crítica. Assim, Bourdieu (ibid., p. 570n.4) ironiza a forma simplista e artificial pela qual Stigler e Becker (1977), apoiados numa modelização algébrica, distinguem um vício positivo, como a melomania, de um vício negativo, como a toxicomania: a primeira seria facilitada pela redução do custo de obtenção do prazer estético devido ao aumento gradativo de conhecimento musical, enquanto a segunda seria impulsionada pelo aumento gradativo do custo de obtenção de estados de euforia. Crítica similar aplica-se à abordagem da educação em termos de capital humano feita por Becker, que, segundo Bourdieu (2002, p. 282), é puramente economicista, por limitar-se a quantificar os gastos com a escolarização e a produtividade dela decorrente, ignorando, entre outros fatores, a influência do capital cultural da família na formação do indivíduo e do capital social da família em sua empregabilidade.

Outra linha de crítica insere-se na perspectiva marxista. Para esta, o trabalhador não se reduz a sua força de trabalho; além disso, a força de trabalho é uma mercadoria especial, pois tem a capacidade de gerar valor. Daí deriva potencialmente um conflito, pois o valor gerado é maior que a remuneração recebida pelo trabalhador, o saldo correspondendo à mais-valia. Tal conflito tem caráter de classe, opondo o trabalhador ao capitalista. Ademais, como observa Karatani (2003, p. 201), a troca entre mercadoria e dinheiro não é simétrica, pois o detentor de dinheiro pode comprar o que quiser e quando quiser, enquanto o proprietário da mercadoria precisa vendê-la antes que se deprecie, e essa diferença hierárquica é ainda maior quando a mercadoria em questão consiste na força de trabalho. Portanto, ao subsumir a categoria do trabalho à do capital, a teoria do capital humano elide a especificidade do trabalho, seu conflito imanente com o capital e sua subordinação estrutural ao capital. Cumpre lembrar que o neoliberalismo se apoia com frequência em estratégias de choque (KLEIN, 2007) para subjugar os trabalhadores. As primeiras experiências neoliberais são implantadas nas ditaduras militares de Augusto Pinochet, no Chile, e Jorge Videla, na Argentina, por economistas alcunhados de “Chicago Boys”, em virtude de seu vínculo com a Escola de Chicago. O início do governo de Margaret Thatcher, no Reino Unido, é marcado pela repressão implacável e exemplar à greve dos mineiros, o mesmo acontecendo no início do governo de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, com relação à greve dos controladores de voo, e no início do governo de Fernando Henrique Cardoso, no Brasil, diante da greve dos petroleiros. A supressão ideológica dos trabalhadores enquanto classe, através da teoria do capital humano, complementa a ação repressiva, operando com eficácia ainda maior.

Também do ponto de vista marxista, o conceito de capital humano reatualiza a problemática da reificação. Lukács (1972, p. 92), desenvolvendo a partir de Marx a noção de reificação (tomar uma pessoa como coisa), mostra como ela é interiorizada: na medida em que o trabalhador oferece sua força de trabalho no mercado, isso envolve uma “auto-objetivação”. Em certas atividades, como o jornalismo, a reificação pode implicar “a própria subjetividade, o conhecimento, o temperamento e os poderes de expressão” (ibid., p. 100). Ao reduzir o sujeito e seus atributos a mercadorias, ou, mais exatamente, a corporificações de capital passíveis de ser calculadas através de equações econométricas, o conceito de capital humano aproxima-se da reificação. E, se até o sujeito se vê como capital, podemos

dizer que estamos diante do que Honneth (2005) qualifica como “auto-reificação”. Em seu discurso ao receber o Nobel, o próprio Becker (1993b, p. 392) revela que, ao publicar a primeira edição de sua obra *Capital humano*, em 1964, teve dúvidas quanto ao título finalmente escolhido por conta do fato de que, para alguns, esse sintagma tinha um sentido degradante, “tratava as pessoas como máquinas”. É também significativo o exemplo, que ele provê, do comércio de escravos para ilustrar como pessoas podem ser consideradas estoques de capital humano (BECKER, 1993a, p. 9-10). Com o avanço da ideologia neoliberal, no entanto, há uma naturalização do conceito. Hoje é comum que as pessoas falem em investir em sua própria educação, ou na educação dos filhos; o *marketing* de cursos e outras atividades que prometem algum tipo de aprimoramento com frequência designa o valor a ser pago como investimento, e não como custo.

### **Empreendedorismo de si e injunção de performance**

Em Foucault, a crítica às limitações da teoria do capital humano não aparece de maneira muito explícita. Sua prioridade é desvendar a lógica por trás dessa teoria, que para ele é crucial para entender a subjetividade neoliberal. A esse respeito notemos que o próprio Becker, aludindo à análise de Foucault, sublinha: “Eu gosto da maior parte, e não discordo de muito. Tampouco posso dizer se Foucault está em desacordo comigo” (BECKER; EWALD; HARCOURT, 2012, p. 3). O aspecto à primeira vista meramente descritivo da análise foucaultiana contribui para alimentar a polêmica a propósito da suposta simpatia de Foucault pelo neoliberalismo (BALLAST, 2014). François Ewald, o principal assistente de Foucault no último período de sua vida e um dos responsáveis pela edição póstuma de sua obra, qualificado por alguns como um “foucaultiano de direita”, chega a declarar, em debate com Becker na Universidade de Chicago, que *O nascimento da biopolítica* traz “a apologia do neoliberalismo” (BECKER; EWALD; HARCOURT, 2012, p. 4) e a especular se Foucault não se teria tornado “um aluno de Gary Becker” (ibid., p. 6), assegurando, ademais, que Foucault preferia Becker a Bourdieu (ibid., p. 16-17).

Foucault (2004, p. 166) observa que o ordoliberalismo alemão, uma das vertentes do neoliberalismo, concebe “a sociedade sob o modelo da empresa”, cabendo ao Estado estimular o empreendedorismo em todas as áreas da vida, inclusive na esfera privada. Em Friedman (2002, p. 102-103), da Escola de Chicago, encontramos um interessante argumento: o investimento em capital humano, que está encarnado em pessoas, envolve uma imprevisibilidade maior do que aquele feito em máquinas e edifícios. Podemos notar como consequência disso que a gestão de capital humano, sob o neoliberalismo, consiste numa boa medida na promoção das virtudes do empreendedorismo, normalmente associado a riscos maiores, mas também a retornos maiores. O que mais chama a atenção de Foucault (2004, p. 232), quando ele discute a teoria do capital humano em autores como Becker, é que ela tende a tornar o próprio sujeito um “empreendedor de si mesmo”. Posto que cada um é encarado como “uma máquina que vai produzir um fluxo de rendimentos” (ibid., p. 230), incentiva-se o investimento em si, que incide sobre atributos físicos, psíquicos e intelectuais e se vale das técnicas de si, identificadas também por Foucault (2001, p. 1602-1632) na cultura antiga. Sob o neoliberalismo, contudo, esse investimento não tem limites, podendo chegar por exemplo à eugenia. É aí que reside mais claramente o elemento crítico subjacente à análise de Foucault (2004, p. 235): a identificação de um novo regime social de controle, baseado não na contenção (como no regime disciplinar clássico) mas na incitação: “Tão logo uma sociedade se coloque a ela mesma o problema do aperfeiçoamento de seu

capital humano em geral, é inevitável que se produza o problema do controle, da filtragem, do aperfeiçoamento do capital humano dos indivíduos”.

Apoiando-se na análise foucaultiana, Laval e Dardot (2013, p. 362) enfatizam no neoliberalismo um processo de “ultra-subjetivação’ que não tem como finalidade em estado último e estável de ‘possessão de si mesmo’, senão um mais além de si mesmo, que se afasta cada vez mais”. O horizonte de contínuo aperfeiçoamento que preside o investimento em si envolve uma valorização do desempenho, ou “culto da performance”, nas palavras de Ehrenberg (1991), em diversas esferas. Poderíamos sintetizar os desdobramentos da proposta de capital humano como uma injunção de performance, que serve de fundamento a um determinado ideal de funcionamento social.

Não obstante a explicação do comportamento humano com base no cômputo de custos e benefícios deixar de lado critérios normativos, a valorização do investimento no capital humano aponta para uma normatividade genérica. O cálculo pode justificar qualquer comportamento, mas espera-se que ele esteja a serviço do empreendedorismo de si, da injunção de performance. Há portanto uma moral implícita no neoliberalismo, aparentada à meritocracia e ao darwinismo social: se tudo depende do cálculo, acaba saindo-se mal quem se equivoca em seus cálculos. Aqui merece ser situada a figura idiossincrática da escritora Ayn Rand, uma espécie de filósofa amadora, criadora de um sistema denominado “objetivismo”, que faz uma defesa encarniçada do egoísmo. Alan Greenspan, que vem a tornar-se o todo-poderoso presidente do Fed, o banco central norte-americano, entre 1987 e 2006, frequenta o círculo objetivista nos anos 1960 e 1970 e mantém amizade com Rand até a morte dela em 1982, atribuindo a tal influência papel decisivo em sua evolução intelectual. Na década de 1990, uma pesquisa da Biblioteca do Congresso considera a principal obra de Rand, *A revolta de Atlas*, como o livro mais influente nos Estados Unidos depois da Bíblia. No movimento Tea Party, que surge em 2009, Rand goza de *status* icônico. Talvez o prestígio e a popularidade dessa escritora se devam justamente ao fato de que ela patenteia a moral implícita do neoliberalismo.

O empreendedorismo de si exhibe ecos da ética protestante do trabalho caracterizada por Weber (2004), que prescrevia o engajamento em pós da vocação de cada um e, em seu aspecto mais pragmático, ilustrado pelo lema “Tempo é dinheiro”, de Benjamin Franklin, era algo mensurável. O culto à performance, por sua vez, recupera o “princípio da performance”, através do qual Marcuse (1966, p. 35,44) designa a forma socialmente prevalente do princípio da realidade freudiano na época da modernidade capitalista, e cujo motor é a “produtividade” (ibid., p. 259). Mas há diferenças importantes em relação a esses fenômenos do passado, que dão à proposta neoliberal em vigor seu caráter distintivo: o foco do sujeito é em si, não em algo externo; não se coloca mais, em princípio, a adesão a modelos normativos, isto é, o sujeito aparentemente assume maior iniciativa; há uma intensificação do engajamento; eclipsa-se a conotação de sacrifício pulsional. Tudo isso permite uma aproximação com a pulsão e o gozo.

### **Lacan e o imperativo contemporâneo do gozo**

Se em Freud predominam metáforas sobre o aparelho psíquico ligadas ao paradigma da energia, em Lacan vemos um deslocamento para o paradigma do valor, no qual amiúde se insere a problemática do gozo. Em sua discussão no *Seminário VII* sobre o utilitarismo de Bentham, um dos antecedentes teóricos do neoliberalismo, Lacan (1986, p. 269) ressalta a necessidade de levar-se em conta o gozo (o que acabou sendo feito

no contexto do marginalismo, outro antecedente teórico do neoliberalismo): “Nessa coisa [...] há no início outra coisa além de seu valor de uso – há sua utilização de gozo”. Uma referência importante para Lacan é o pensamento de Bataille, que se propõe a construir uma economia geral apoiada nas ideias de excesso e sacrifício. Nela um lugar privilegiado é reservado para um fenômeno estudado pela antropologia mas que, como adverte Bataille (1976, p. 72), tem elos com muitas de nossas condutas cotidianas. Trata-se do *potlatch*, espécie de competição ritual entre dois grupos que se esmeram na oferta de presentes ao outro ou na destruição de riquezas perante o outro, cada qual procurando sobrepujar a façanha do rival – “os presentes são dados *com usura*” (ibid., p. 73, grifo do autor). Pode-se identificar aqui um mecanismo análogo ao do marginalismo, pois, mais do que o valor total do sacrifício, importa seu valor marginal, o quanto ele supera o sacrifício ao qual responde. Além disso, inspirando-se nos estudos de Mauss sobre o dom, Bataille (ibid., p. 72) põe em relevo o aspecto paradoxal dessa operação: se por um lado algo é sacrificado, por outro há um ganho em poder. Há um eco dessa reflexão na elaboração lacaniana sobre o gozo, particularmente na acepção de mais-de-gozar, que aparece como resto, como excedente, engendrando-se um gozo no processo mesmo de renúncia ao gozo.

É interessante notar que a temática do gozo ganha importância para Lacan nos anos 1970, junto com as mudanças detectadas pela filosofia e pela teoria social, aduzidas anteriormente, na trilha da ascensão do neoliberalismo. Numa entrevista a um jornalista italiano, em 1974, Lacan denuncia “essa liberalização fingida que nos é fornecida, como um bem outorgado a partir do alto, pela autointitulada sociedade permissiva” (GRANZOTTO, 2004, p. 29). Refletindo o declínio da ideia de renúncia pulsional, o supereu repressivo freudiano dá lugar ao supereu que ordena o gozo, segundo Lacan (1975, p. 10): “O supereu é o imperativo do gozo: Goza!”

Esse supereu obscuro desdobra-se num ideal do eu que atesta o declínio dos modelos normativos. O ideal do eu hoje dominante pressupõe que tudo é possível, que o sujeito pode alcançar sua realização desde que se empenhe o suficiente. Na prática, enfraquece-se a dimensão da falta, tendendo a prevalecer uma falta da falta, uma negação da castração. O ideal não consiste tanto na adequação a um modelo determinado, mas num esforço permanente para que se avance “mais, ainda”, para lembrar o título da edição em português do *Seminário XX* (LACAN, 1982), qualquer que seja o caminho escolhido. No esquema freudiano, conforme a interpretação de Lacan, o ideal do eu circunscrevia o eu ideal e fixava-lhe um limite. No esquema psíquico típico de nossa época, o ideal do eu de certa forma se adapta ao eu ideal. Escrevendo sobre a passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle, Deleuze (2003, p. 242) contrapõe aos confinamentos do passado, que eram “moldes, distintas moldagens”, os controles contemporâneos, que são “como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente”. Uma mudança análoga ocorre com o ideal do eu: em lugar de restringir o eu ideal, é como se o ideal do eu se adaptasse a ele – e, mais que isso, o ajudasse a expandir-se.

O funcionamento atual do supereu e do ideal do eu indica que estamos diante de um outro tipo de normatividade: em lugar da repressão, incitação; em lugar do ideal como modelo, o ideal como performance. Trata-se de uma espécie de normatividade sem norma, sem conteúdo determinado. Na sociedade da época de Freud, uma forte determinação no interior das instituições disciplinares convive com uma forte indeterminação fora daquelas instituições, como nas metrópoles onde prolifera a anomia apontada por Durkheim. Na sociedade contemporânea vislumbrada por Lacan, uma forte determinação (de

performance) e uma forte indeterminação (de modelos) estão presentes simultaneamente e se hibridizam. O incitamento à performance não se dá apenas na execução de um modelo, mas também transversalmente, na transição entre modelos: ao invés de moldes identitários discretos, temos modulações identitárias contínuas.

O declínio da repressão e do modelo em prol da incitação e da performance remete à dinâmica de operação do discurso do capitalismo, proposto por Lacan em Milão, em 1972 (LACAN, 1978), que se distingue em vários aspectos dos demais discursos, apresentados no *Seminário XVII*, em 1969-1970 (LACAN, 1991). No lugar das referências simbólicas que balizam o sujeito (nos discursos do senhor, da universidade e da histeria) ou que ele reelabora (no discurso do analista), temos um movimento incessante provocado pela supressão das disjunções de impossibilidade e de impotência. Vale dizer que Lacan retratara no *Seminário XVII* o funcionamento do capitalismo em geral nos moldes do discurso da universidade; podemos pensar no discurso do capitalismo como correspondendo ao capitalismo tardio, ou neoliberalismo.

### **Articulação entre injunção de performance e imperativo do gozo**

A injunção de performance e o imperativo do gozo articulam-se de diferentes maneiras.

O “espírito do capitalismo” caracterizado por Weber (2004) orientava-se para a realização da vocação e a identificação dos sinais de salvação futura, e ancorava-se no sacrifício pulsional. Já o “novo espírito do capitalismo”, sintetizado por Boltanski e Chiapello (1999), sob a influência da “crítica artística” à alienação do trabalho inspirada por Maio de 1968, tem como vetor uma intensa injunção de performance no mundo laboral, mas acoplada a valores, como iniciativa e criatividade, que sinalizam maior liberdade pulsional. Concomitantemente, o empreendedorismo do consumidor também está associado a maior liberdade pulsional, o que revela a influência da contracultura, conforme a análise de Frank (1997). Em diversas áreas, por conseguinte, a busca de performance representa em si mesma uma fonte de gozo. Adicionalmente, a performance pode ter caráter instrumental, no sentido de viabilizar o gozo. O investimento no corpo, por exemplo, em tese tornaria alguém mais atrativo e facilitaria a aproximação de outras pessoas.

Simetricamente, o imperativo do gozo pode ser concebido em termos de desempenho, na medida em que se idealiza e se mede o grau de felicidade e satisfação. Super-remédios como o Prozac e o Viagra fazem sucesso precisamente ao vincular o gozo a um rendimento afetivo e sexual calculável e controlável. Na verdade, o discurso em geral sobre bem-estar e sexualidade que é veiculado na mídia, em estreita aliança com o *establishment* médico e farmacêutico, tende a equacionar as diferentes variáveis da vida afetiva com foco na performance.

Na proporção em que há uma continuidade entre injunção de performance e imperativo do gozo, que ambos representam frente e verso de uma moeda, é possível a Laval e Dardot (2013, p. 358) falar num dispositivo “rendimento/gozo”. Isso repercute o paralelo lacaniano entre mais-valia (*plus-value*, ou *Mebrwert*) e mais-de-gozar (*plus-de-jouir*, ou *Mehrlust*). Por trás dessa continuidade, quiçá possamos identificar a ação de uma mesma lógica. Marx (1962, p. 247) comenta que “o capital tem uma única pulsão vital [*Lebenstrieb*], a pulsão [*Trieb*] de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho”. E

identifica no capitalista “essa absoluta pulsão de enriquecimento [*Bereicherungstrieb*], essa caça apaixonada do valor” (ibid., p. 168). Se a satisfação não é obtida na pulsão atingindo-se o alvo, mas circulando incessantemente em torno dele (em inglês, trata-se da diferença entre *aim* e *goal*, respectivamente), o capitalismo também está associado a uma circulação sem limites do capital. Sob o neoliberalismo, quando barreiras e restrições à ação do capital declinam, é lícito supor que seu aspecto pulsional emerja com mais força, que a circulação se acelere – nos termos de Deleuze e Guattari (1973), acirra-se o processo de desterritorialização. Além disso, se cada sujeito se torna capitalista de si mesmo, pode-se considerar que ele se impregna da lógica pulsional. Aqui cabe igualmente o paralelo – tal como na pulsão o importante não é atingir o alvo, mas circular em torno dele, na injunção de performance prevalece a intensidade desta, não seu conteúdo. E o investimento em si é uma forma de circulação, que traz consigo uma satisfação. Assim, o “mais além” da injunção de performance se conjuga com o “mais, ainda” do imperativo do gozo.

Conhecido como o economista favorito de Reagan, George Gilder exprime de maneira bastante precisa a dimensão pulsional presente no neoliberalismo e no sujeito neoliberal. Sem referir-se a Bataille, mas fazendo apelo a Mauss e Lévi-Strauss, ele alega que o neoliberalismo realiza o projeto de uma economia baseada no excesso e no sacrifício, associando explicitamente o empreendedorismo ao *potlatch*. Para Gilder (1981, p. 30),

a oferta interminável dos empreendedores, investindo em empregos, acumulando estoques – tudo muito antes que qualquer retorno seja recebido, tudo sem nenhuma garantia de que o empreendimento não vai fracassar – constitui um padrão de dádiva que ofusca em extensão e em generosidade essencial qualquer rito primitivo de troca.

Esse impulso em direção ao risco, no qual se embaralham os dois sentidos de “fortuna” (riqueza e acaso), transparece sobretudo na propensão à financeirização da economia (o chamado “capitalismo de cassino”), um dos traços cardeais do neoliberalismo. E, conforme mostra Arrighi (2010), o fenômeno da financeirização é cíclico ao longo da história do capitalismo, sua penúltima ocorrência (ainda que numa escala inferior à atual) coincidindo com a época em que floresce o marginalismo.

Se, há um século, era possível a Freud falar numa “nervosidade” (“*Nervosität*”) (FREUD, 1966) ou num “mal-estar” (“*Unbehagen*”) (FREUD, 1948) resultantes da oposição entre civilização e pulsão, hoje as exigências da cultura passaram a potencializar a dinâmica pulsional. Recordemos a propósito a descrição feita por Lacan (1978, p. 46) do modo de operação do discurso do capitalismo: “Isso não poderia andar melhor, mas justamente isso anda rápido demais, isso se consome, isso se consome tão bem que se consuma”. Levados ao extremo, a injunção de performance e o imperativo do gozo arriscam-se a acarretar uma sobrecarga e a provocar um curto-circuito, que se manifestariam sob a forma de desdobramentos patológicos.

**Referências bibliográficas:**

- ARRIGHI, Giovanni. *The long twentieth century: money, power, and the origins of our times*. 2nd ed. London and New York: Verso, 2010.
- BALLAST. Peut-on critiquer Foucault? 3 décembre 2014. Disponível em <<http://www.revue-ballast.fr/peut-on-critiquer-foucault/>>. Acesso em: 26 set. 2015.
- BATAILLE, Georges. La part maudite, essai d'économie générale, I: la consommation. In: *Œuvres complètes, tome VII*. Paris: Gallimard, 1976. p. 17-179.
- BECKER, Gary S. *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. 3rd ed. Chicago and London: University of Chicago Press, 1993a.
- \_\_\_\_\_. Nobel lecture: The economic way of looking at behavior. *Journal of Political Economy*, v. 101, n. 3, p. 385-409, Jun 1993b.
- \_\_\_\_\_; EWALD, François; HARCOURT, Bernard. Becker on Ewald on Foucault on Becker: American neoliberalism and Michel Foucault's 1979 Birth of biopolitics lectures. *Public Law and Legal Theory Working Paper*, n. 401, The Law School of the University of Chicago, Sep 2012.
- \_\_\_\_\_: POSNER, Richard A. *Uncommon sense: economic insights, from marriage to terrorism*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Translated by Richard Nice. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. The forms of capital. In: BIGGART, Nicole Woolsey (ed.). *Readings in economic sociology*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 280-291.
- CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Antecedentes do homo oeconomicus neoliberal. In: CORREIA, Adriano; NASCIMENTO, Daniel; MÜLLER, Maria Cristina (orgs.). *Filosofia política contemporânea*. São Paulo, ANPOF, 2017. p. 92-109.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sur les sociétés de contrôle. In: *Pourparlers: 1972-1990*. Paris: Minuit, 2003. p. 240-247.
- \_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. *L'anti-Œdipe: capitalisme et schizophrénie*. nouvelle éd. augmentée. Paris: Minuit, 1973.
- \_\_\_\_\_; PARNET, Claire. *Dialogues*. 2e éd. augmentée. Paris: Flammarion, 1996.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits, II: 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France, 1978-1979*. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.
- FRANK, Thomas C. *The conquest of cool: business culture, counterculture, and the rise of hip consumerism*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1997.
- FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. In: *Gesammelte Werke, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931*. London: Imago, 1948. p. 419-506.
- \_\_\_\_\_. Die "kulturelle" Sexualmoral und die moderne Nervosität. In: *Gesammelte Werke, siebenter Band: Werke aus den Jahren 1906-1909*. vierte Auflage. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1966. p. 141-167.
- FRIEDMAN, Milton (with the assistance of Rose D. Friedman). *Capitalism and freedom*. 40th anniversary ed. Chicago and London: University of Chicago Press, 2002.
- GILDER, George. *Wealth and poverty*. New York: Bantam Books, 1981.
- GRANZOTTO, Emilio. Jacques Lacan: "Il ne peut pas y avoir de crise de la psychanalyse".

*Magazine Littéraire*, février 2004, p. 24-29.

HONNETH, Axel. *Verdinglichung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.

KARATANI, Kojin. *Transcritique: on Kant and Marx*. Translated by Sabu Kohso. Cambridge (MA) and London: MIT Press, 2003.

KLEIN, Naomi. *The shock doctrine: the rise of disaster capitalism*. New York: Metropolitan, 2007.

LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972. In: *Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan*. Milan: La Salamandra, 1978. p. 32-55.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. *Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.

\_\_\_\_\_. *Le séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *La nueva razón del mundo: ensayo sobre la sociedad neoliberal*. Traducción de Alfonso Diez. Barcelona: Gedisa, 2013.

LUKÁCS, Georg. *History and class consciousness: studies in Marxist dialectics*. Cambridge (MA): MIT Press, 1972.

MARCUSE, Herbert. *Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud*. Boston: Beacon Press, 1966.

MARX, Karl. *Das Kapital: Kritik der politischen Oekonomie, Buch I – der Produktionsprozess des Kapitals*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke, Bd. 23*. Berlin: Dietz, 1962.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. *American Economic Review*, v. 51, n. 1, p. 1-17, Mar 1961.

STIGLER, George J.; BECKER, Gary S. De gustibus non est disputandum. *American Economic Review*, v. 67, n. 2, Mar 1977, p. 76-90.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.